

Trindade e o Equilíbrio Humano-Cosmológico

Profa. Dra. Ir. Maria Freire da Silva- icm.

RESUMO

A experiência cristã das origens proclama a fé na Trindade relendo a história da salvação à luz do evento pascal. Com o tema Trindade e equilíbrio humano-cosmológico, pretendemos destacar três pontos:

1- a unidade entre os seres humanos

2- os elementos que constituem a unidade e diversidade

3- a trindade como modelo de unidade e comunhão

Palavras-chave: Trindade, Unidade, Comunhão, Equilíbrio

ABSTRACT:

The original christian experience proclaims faith in the trinity recalling the history of salvation in the light of the Pascal event. With the theme Trinity and Human Cosmological Equilibrium, we ought to mention out three points:

1) The unity among human beings and the cosmos.

2) The elements that constitute the unity and diversity.

3) The Trinity as a model of unity and communion.

Key words: Trinity, Unity, Communion, Equilibrium

INTRODUÇÃO

A experiência cristã das origens proclama a fé na Trindade relendo a história de salvação à luz do evento pascal. Com o tema *Trindade e equilíbrio humano-cosmológico* pretendemos destacar três pontos:

- 1- A unidade entre os seres humanos e o cosmos
- 2- Os elementos que constituem a unidade e diversidade
- 3- A Trindade como modelo de unidade e comunhão

Diante do contexto histórico, contemplamos fascinados, a era da ciência da astrofísica, onde cientistas estudam a vida secreta das estrelas; e da Biologia evolucionária e da informação. Estudiosos descobrem como mutações no DNA de alguns grupos étnicos, podem indicar caminhos sobre sua ancestralidades. As neurociências em evolução revolucionam a cada dia nossos paradigmas. E daí surgem as mais variadas interrogações. Será que a evolução cósmica segue alguma direção? E como nossa fé se encaixa dentro desse quadro evolucionário? Que sentido tem a nossa vida cristã diante dessa evolução? Qual a relevância de nossa fé? O que isso suscita em nós? Desde o princípio os cristãos foram urgidos a dar uma explicação de sua fé nos modos contemporâneos de pensar (exemplo: 1 Pd 3, 15). Como o ser humano está situado nesse novo mapa evolutivo? Em que se mantém o equilíbrio da humanidade e do universo?

Falando de equilíbrio, o que entendemos por equilíbrio? O termo vem do latim *aequilibrium* (de *aequibris*), ou seja equilíbrio, estado justo das balanças, igualdade, compensação. O equilíbrio e a busca desse, nos leva à relacionamentos maduros, que permanecem e marcam nossa vida. Toda relação em nossa vida é um aspecto de nossa identidade total enraizada nessa base do ser. E isso revela a própria natureza de Deus-Trindade como relacionamento¹. Toda relação consciente ou inconsciente é expressão dessa relação primordial. “A estrutura de toda existência é, portanto, essencialmente trinitária, dinâmica e fluente. O Espírito é a relação que subsiste entre tudo o que existe e, assim, une todos no eu. Ele torna tudo total (e sagrado). Nada de real pode existir fora da relação. O Espírito é essencialmente a relação tornando todas as relações sagradas. É comunicação: revelação de si e doação de si de um ao outro que une e transcende o “eu e o tu” no nós². É Ele o amor que une Pai e Filho numa ciranda amorosa e eterna. O Espírito não pode ser visto apenas como a ligação entre Pai e Filho, mas, sua própria unidade.

O equilíbrio nos torna pessoas centradas no mistério trinitário e atentas á realidade do mundo e as necessidades dos pobres e da dimensão ecológica.

¹ FREEMAN, Laurence., *Jesus, o mestre interior*, São Paulo 2004.

² Idem., pp .234-235.

Hoje, vivemos numa sociedade sem centralidade, a sociedade moderna é descentralizada. Isso nos leva a perceber a ausência da representação e a chegada da era da complexidade. Ao mesmo tempo pensamos que:

“toda sociedade constitui uma unidade, dispondo das mesmas regras e leis, da mesma cultura e até da mesma língua, circunscrita a um território próprio. Contudo, o que é impressionante, em nossas sociedades modernas, não é só o fato de que elas possam integrar uma extraordinária diversidade cultural e étnica...mas também que elas comportem, permanentemente, rivalidades, concorrências, conflitos de indivíduos ou grupos que perseguem, cada um por seu lado, seus próprios fins”³.

Nesse emaranhado, podemos nos perguntar: onde está o equilíbrio de tudo isso? Inicialmente é possível repetir com o apóstolo Paulo: “...O Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis...” (Rm 8,26). O Espírito geme na história, despertando a necessidade de aproximação de comunhão e unidade entre as pessoas e sobretudo entre os seguidores de Jesus Cristo. É aí que nossa fé se torna relevante, é aí que nossa fé tem futuro. No vaivém das organizações das sociedades, os seres humanos têm como prioridade a busca de aproximação, a qual torna irmão e irmã todos na koinonia da solidariedade. Diante da globalização do mercado e da mundialização da violência se fazem necessárias relações de proximidade de “correspondência e co-responsabilidade” na promoção da cultura do diálogo e do cuidado com o meio ambiente e na defesa da vida⁴.

1 - A UNIDADE ENTRE OS SERES HUMANOS

A *tradição da Igreja* afirma que a pessoa se realiza cabalmente e se salva na comunhão-koinonia. Por isso faz da comunhão-koinonia (com Deus e entre os seres humanos) a essência da salvação.

a) *Escritura* – o ser humano é por natureza um ser relacional, voltado para o outro, porque criado à imagem e semelhança de Deus. O ser humano não pode existir senão em Deus e perante Ele. Nas duas tradições do Gênesis, o ser humano é criado ao mesmo tempo como um e plural: “a

³ MORIN. Edgar., *Para sair do século XX*, Rio de Janeiro 1986.

⁴ VV.AA. *Diálogo inter-religioso*, São Paulo 2005.

imagem de Deus ele o criou, criou-os macho e fêmea (Gn 1, 27). A mulher (ishâh) é para o homem (ishô o igual que lhe permite ser ele mesmo, precisamente por sua diferença. Cada um deles é assim criado voltado para o outro (Gn 2, 18-24). Um e outro tem plenamente a natureza humana. Existe cada um sendo sujeito de parte inteira, nenhum sendo parte do outro. Mas é um sujeito aberto para o outro, em relação que pertence a sua natureza. São imagem de Deus somente nessa abertura mútua.

Sua identidade é inseparável da alteridade que faz de um e de outro um sujeito de pleno direito, que, no entanto não poderia se realizar sem a comunhão de seu *eu* e de um *tu* em um *nós*. Eles são pessoa na comunhão.

b) *Sobre essa base* – a tradição cristã estabelece uma distinção entre indivíduo e pessoa, que a reflexão sobre o mistério trinitário incita a aprofundar. Há uma só natureza humana e ela só existe em uma diversidade de pessoas. Cada pessoa é única, insubstituível, não intercambiável, diferente. Essa alteridade abre-se para a comunhão.

- Pessoa em grego – significa *prosopon*, palavra composta de *pros* e de um derivado de *ôps* (olho, olhar), portanto o que é perante os olhos do outro como o “face a face de alguém”. Portanto o conceito de indivíduo abstrai da alteridade do ser humano concreto, porque o designa como portador das propriedades objetivas da natureza comum. Percebe-o enquanto é quinhão de todo ser humano, a posse do que constitui a humanidade universal, a definição do homo. Ao contrário, o conceito de pessoa o distingue vendo nele um eu inscrito no “face a face” das outras pessoas, com aquilo que ele é único a ser, o que tem de dissemelhante, de próprio, graças ao qual ele pode não se fundir na identidade da natureza comum, mas entrar em comunhão, dando e recebendo. Porque a pessoa só se revela no jogo das relações mútuas e na comunhão. Como indivíduo, o ser define-se pela integridade e perfeição da natureza nele; como pessoa, define-se pela singularidade que lhe permite superar-se na comunhão com o outro.

a) o restabelecimento da *communio-koinonia*

Na escritura, o drama da humanidade virá da ruptura da comunhão com Deus e com as pessoas humanas.

- Extrato Javista do Gênesis – ruptura com Deus (Gn 3, 6), o homem quebra a solidariedade com a mulher (Gn 3, 12). A continuação da história

será, desde Caim, marcada pela transformação em rivalidades do que devia ser comunhão. Aqui origina-se a desgraça humana. Deus refaz sua Aliança fazendo recapitulação.

a) AT – Aliança – Profetas: Os 2, 21s; Is 54, 1-17; Jr 31, 2-34; Ez 16, 59-63) – relação entre esposo-esposa, ilustra (Jr 2, 2; 3,6) estabelece entre Deus e o povo um laço de fidelidade salvífica para esse.

No NT – a Nova Aliança inaugura novos laços fraternos e a instauração do Reino de Deus mediante a vida comunitária (Lc 3, 10s; 18, 18-30; Mt 19, 16-30; Mc10, 17-31). Quer transformar as relações humanas dando-lhe um sentido comunitário de partilha e atenção às necessidades dos outros. Assim o exige o Reino. O duplo mandamento do amor de Deus e do próximo revela o sentido profundo (Mt 22, 36-40; Mc12, 28-34; Lc 10, 25-28 etc). A carta aos hebreus compreende a vinda do Filho de Deus em carne humana como uma comunhão-koinonia. A realidade daquilo que a tradição chama a encarnação.

b) A Trindade divina: comunhão de Pessoas

A vida humana necessita da comunicação natural e social, e existe somente nisso. Vida é relação. Vida é intercâmbio. Nós somente vivemos em intercâmbio com aquilo que não somos; o primeiro exemplo de tudo é o ar que respiramos. Este intercâmbio cria comunhão e somente é possível na comunhão. A vida humana é necessariamente comunitária. É comunicação em comunhão. Vida humana é isso que acontece entre os indivíduos. Se isolarmos a vida humana individual da vida natural e social, então nós a estamos matando. É por isso que a participação recíproca pertence à definição da vida humana.

Não entenderemos estas conexões de vida corretamente se partirmos da consciência individual do espírito e se considerarmos as relações naturais e sociais como algo secundário. Espírito é aquilo que acontece de forma a promover a vida entre pessoas. Deus é Espírito, é a “divindade comum” que une as pessoas numa vida superior e que, por outro lado, nessa esfera comunitária, as torna indivíduos especiais⁵. Dessa forma, o indivíduo é o lugar da mudança. Ela desenvolve seu projeto coletivo de futuro a partir da

⁵ J. MOLTMANN; *Doutrina ecológica da criação*, Petrópolis, 1993. p.376-378.

imensidão de experiências com projetos individuais. Por isso, cada sociedade humana, cheia de espírito, se desenvolverá tanto numa democracia antecipatória quanto numa democracia participatória.

Devemos ter consciência que a razão instrumental não é a única forma de uso de nossa capacidade de inteligência. Existe também a razão simbólica e cordial e o uso de todos os nossos sentidos corporais e espirituais. Junto ao *logos* (razão) está o *eros* (vida e paixão), o *pathos* (afetividade e sensibilidade) e *daimon* (a voz interior da natureza). A razão não é nem o primeiro nem o último momento da existência. Nós somos também afetividade (*pathos*), desejo (*eros*), paixão, comoção, comunicação e atenção para a voz da natureza que fala em nós (*daimon*). Conhecer não é apenas uma forma de dominar a realidade. Conhecer é entrar em comunhão com as coisas. Por isso dizia Agostinho na esteira de Platão: “nós conhecemos na medida que amamos”.

Dentro desse contexto, a Trindade emerge como Fonte de representações mais adequada do mistério do universo humano e do universo, como teia de relações de interdependências, como uma dança cósmica e humana. a Trindade rompe com os sistemas fechados gerando redes de relações, de novas compreensões e formas de vida em comunhão. É uma complexidade enorme que se anuncia pelas diferenças de seres e de expressões da complexidade, da subjetividade, da interioridade e da capacidade de koinonia de cada ser, particularmente os mais complexos.

No espírito humano, o Espírito Santo molda o seu templo. Se revela como motor de libertação de harmonia de transcendência, interioridade e transparência. Assim o ser humano se torna a Schekiná de Deus. Nesse dinamismo, o ser humano adquire identidade na configuração com Cristo, no deixar-se instruir pelo Espírito numa busca contemplativa do mistério do Pai. Nasce o novo jeito do aprender a aprender. A aprendizagem se identifica através do conhecimento perpassado pela sabedoria em lidar com o saber adquirido como ponto de partida e não de chegada. Aprender a saber exige aprender a lidar com a complexidade da vida, respeitando a diversidade, na categoria de discípulo.

A exemplo do modelo trinitário, o ser humano é por natureza criativo. Não se conforma em transmitir velhos mitos educacionais, métodos arcaicos que já não atraem o aprendiz. É alguém que tem *dynâmis*, força interior,

eros pela evangelização, *pathos* pela busca incessante do saber, é alguém que escuta o *daimon* interior.

Do ponto de vista de Edgar Morin:

“O mistério humano está ligado ao mistério da vida e ao mistério do cosmo, pois carregamos em nós a vida e o cosmo. O mistério da vida não está apenas em seu nascimento tão difícil de conceber, mas também na criação de formas incontáveis, complexas e refinadas. A criatividade é o mistério supremo da vida. Compreender o ato criativo significa reconhecer que ele é inesplicável e sem fundações”⁶.

Porém, tudo está inter-relacionado, conectado. Há uma unidade humana e uma diversidade. A unidade não está somente nos traços biológicos, como também a diversidade não se encontra apenas nos traços psicológicos, culturais, sociais do ser humano. Contudo, a diversidade não deve encobrir a unidade, nem a unidade mascarar a diversidade⁷. Tanto unidade quanto diversidade devem aparecer de forma inter-relacionadas, pericoretizadas. O ser humano entra em relação com toda uma carga de diversidade e outra de unidade. Essa se encontra com a realidade diversa e una da outra pessoa. No encontro, o equilíbrio está em saber ser diante do outro e deixar que o outro seja.

Nesse encontro está presente tanto a objetividade quanto a subjetividade, essa última comporta a afetividade. O ser humano está potencialmente destinado para o amor, à entrega, à amizade, a inveja, ao ciúme, à ambição, ao ódio. Fechado sobre si mesmo ou aberto às forças de exclusão ou inclusão. Na relação com o outro distinto, a equação subjetiva Ego/Eu é pessoal e inalienável. É possível partilhar as alegrias, dores e viver por empatia os sofrimentos do outro, porém, ainda que partilháveis, são intransferíveis. O sofrimento egocêntrico torna o outro estranho para nós; a abertura altruísta o torna simpático, agradável. Diante do desconhecido oscilamos entre medo e simpatia ⁸.

Aqui a relação se dá numa grande empatia. O amor relacional se reconhece por empatia mediante a partilha dos mesmos sentimentos e projetos.

⁶ MORIN. E. *Métodos: a humanidade da humanidade a identidade humana*, Porto Alegre 2003.

⁷ Idem., p. 65.

⁸ Idem., p. 77.

Unido a isso vem a questão básica da liberdade como elemento essencial ao equilíbrio. O conceito definitivo da filosofia grega é a idéia do cosmo, da ordem; o primeiro ensinamento bíblico é a idéia da criação. Traduzindo por princípios eternos, o cosmos significa o destino, enquanto a criação significa a liberdade. O universo é o resultado da liberdade⁹.

Na relação o outro é o nada em relação ao tudo do eu: é um pensamento frágil. A denominada ontologia do declínio, negação pura e simples do pensamento forte, característico da metafísica do fundamento. Aqui podemos perguntar: Onde habita o outro? Em tudo isso há uma relação com a dimensão ética de nosso existir. O *ethos* como práxis e como costume e por outro o *ethos* como pátria e como morada. Não é possível construir práxis sem morada. Aqui se constrói pensamentos idéias novas, projetos, visão de mundo. A abertura do pensamento ao vindouro e ao novo é a forma que o “*eschaton*” da revelação da Trindade imprime à razão teológica, o conteúdo que lhe transmite é o futuro de Deus: não um futuro já colocado nas mãos e na mente do homem como é o “*homo absconditus*” presente no “princípio esperança” de Ernst Bloch, mas o futuro de Jesus Cristo, revelado como esperança na contradição de sua ressurreição em relação à morte na Cruz¹⁰.

A relação aberta e criativa face a face, traz ao ser humano, a capacidade de interagir com o meio ambiente e daí a necessidade da objetividade. Para conhecer o outro faz-se necessário conhecê-lo, percebê-lo objetivamente, estudá-lo objetivamente e subjetivamente. Dessa forma, o sujeito não está sozinho porque o outro e o nós moram nele. O ser humano é complexo por natureza¹¹. Contudo, dentro dessa complexidade existe um equilíbrio onde o ser humano é capaz de projetar-se sentir-se vivo e co-participante.

No relacionamento entre os seres humanos: mulher e homem, faz-se necessário construir a confiança mútua e o respeito ao diferente. A confiança é a arte de conviver não apenas com o que se tem de comum mas também com as diversidades¹². As comunidades cristãs pela experiência do Espírito ultrapassam seus limites assumindo a missão de Jesus Cristo, instruídos pelo Espírito numa glorificação ao Pai. A comunhão abre uns para os outros, produz a participação de um no outro e cria respeito um pelo outro. A

⁹ HESCHEL. A. Joshua., *Deus em busca do homem*, São Paulo 2006.

¹⁰ Idem., pp. 144-146.

¹¹ Idem., p. 81.

¹² MOLTSMANN. Jürgen., *O Espírito da vida*, Petrópolis 1991.

comunhão vive em participação mútua e do reconhecimento mútuo. Essa surge onde seres distintos possuem algo em comum, onde coisas comuns são compartilhadas por seres diferentes¹³.

A nossa fé se encaixa na consciência plena de nossa identidade cristã e de nossa responsabilidade frente aos desafios. Para escapar ao círculo vicioso da sociedade, é preciso tentar estabelecer uma comunicação, um diálogo, ou melhor ainda, uma espécie de pericórese entre fé, unidade e diversidade. Nessa dinâmica, os seres humanos buscam somar entre si e, na sua relação com o meio ambiente, através do cuidado e da construção de uma racionalidade ambiental, produzindo maior qualidade de vida humano-cósmica. Há um elo de aproximação e cumplicidade entre o ser humano e o cosmos. Portanto, o equilíbrio humano afeta a expansão do criado.

Quando conhecemos o meio ambiente, os ecossistemas, não é para nos distanciarmos, mas é para aprendermos a conviver melhor. A negação do outro produz distanciamento que, por sua vez, provoca indiferença a tudo aquilo que nos cerca. Viver a unidade exige uma saída de um *ethos egocêntrico* em que cada um é, para si mesmo, centro de preferência e age para si. Como também do *ethos genocêntrico* em que são os nossos progenitores e progeneritura, família, clã, que constituem o centro de referência e de preferência. É necessário ir mais além, ser com o diferente, o outro como outro, na sua identidade e alteridade.

As únicas relações humanas verdadeiras são aquelas de pessoa para pessoa. Uma das características do cristianismo é o amor fraterno, o querer bem às outras pessoas, a capacidade de ultrapassar limites e incluir o diferente na grande comunhão. O seguimento radical de Jesus Cristo, de sua prática de amor para com todas as pessoas, implica diálogo com os membros de outras religiões.

A busca de unidade deve possibilitar a consciência de que a solidariedade com todos os seres humanos e o cosmos constitui uma exigência fundamental. Chamados ao exercício da diakonia na comunidade eclesial, na sociedade no universo. Testemunhando Jesus Cristo enviado para evangelizar os pobres (Mt 11, 5; Lc 4, 18) na diakonia (Mc 10, 45), os cristãos envolvidos no dinamismo pericorético trinitário, atestam que esse modo de testemunhar a unidade e a comunhão implica a vocação profética de anúncio do evangelho

¹³ *Idem.*, p. 207.

na sociedade. Assim expressa o equilíbrio necessário á promoção humana, constituição de um povo unido nos mesmos objetivos.

2 OS ELEMENTOS QUE CONSTITUEM A UNIDADE E DIVERSIDADE

Na busca de unidade faz-se necessário:

a) abandonar o princípio de separação e adotar o princípio da cooperação: a unidade como koinonia. A cooperação ecumênica na ação social e cósmica e na luta pela paz é fundamental.

b) O reconhecimento como categoria básica da alteridade onde se produz a revelação da dimensão do infinito do outro. Isso exige uma metanoia, um ato de conversão que implica numa experiência kenótica.

c) definir os valores éticos. A denúncia contra tudo aquilo que impede a primazia do reino de Deus na história: sensibilidade ecológica, unidos trabalhar pela justiça, a paz e a conservação da Criação de Deus.

d) a liberdade dos povos como eixo articulador do respeito ao outro como outro. Tendo presente o totalmente Outro: Deus uno e trino.

e) a consciência de que a garantia da unidade se dá através de uma profunda convicção de fé e de confiança no Espírito de Deus. Nessa dinâmica, o cristão/a é chamado/a a tornar-se discípulo/a inserido/a na comunhão capaz de articular grupos de cristãos, igrejas e movimentos sociais. Consequentemente o agir ecumênico é um ato de amor, pois está alicerçado em Deus que é amor (1Jo 4,8). A identidade da fé é também um postulado e um imperativo necessário para a realização da unidade dos cristãos o que interage no equilíbrio.

As relações de unidade e comunhão dos seres humanos encontram seu fundamento na realidade do mistério trinitário de Deus. O Concílio Vaticano II, ao retornar à Tradição da Igreja, descobriu uma eclesiologia de comunhão fundada na iniciativa trinitária. Assim se expressou o Concílio: “ Dessa maneira aparece a Igreja toda com o povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo”¹⁴.

¹⁴ *Concilium Oecumenicum Vaticanum II*, Constitutio dogmática de Ecclesia, *Lumen Gentium*, 1, 4. in Freire da S. Maria Trindade, *Teologia da Criação e Ecologia*, Roma 2003.

Essa retomada de uma consciência trinitária feita pelo Concílio vem favorecer a idéia de que, quanto mais as Igrejas forem, no aqui e agora da História, ícones do dinamismo pericorético trinitário, mais se encontrarão unidas. Unidas na construção da fraternidade e da paz universal num acolhimento recíproco entre as Igrejas e as comunidades eclesiais no respeito às diferenças, buscando conjuntamente, a expressão histórica mais adaptada para a unidade existente e para gerar crescimento rumo à unidade almejada. Com relação à ação política dos cristãos, o concílio incentivou:

Todos os cristãos se tornem cônscios de seu papel próprio e especial na comunidade política. Devem distinguir-se pelo exemplo, diretamente ao bem comum, harmonizar a autoridade com a liberdade, a iniciativa pessoal com a solidariedade e o equilíbrio de todo corpo social, a conveniente unidade com a diversidade proveitosa¹⁵.

Espelhando-se no Concílio Vaticano II, a Conferência de Medellín (1968), deu ênfase à unidade da história e à dimensão política da fé. Em 1979, a Conferência de Puebla destacou e colocou como eixos fundamentais da evangelização e da meta almejada, a comunhão e a participação; “ Deus é amor, família, comunhão, é fonte de participação em todo seu mistério trinitário e na manifestação de sua nova revelação com os homens pela filiação e destes entre si pela fraternidade” afirmou Puebla¹⁶. Para isso é necessário se imbuir de uma mística trinitária tremendamente marcada pela cruz e ressurreição de Jesus.

O papa João Paulo II, por ocasião do Jubileu, afirmou que o mistério da Trindade é origem do caminho de fé e seu termo último, quando finalmente os nossos olhos contemplarem eternamente o rosto de Deus.

3 - A TRINDADE – MODELO DE UNIDADE E COMUNHÃO

A liturgia batismal cristã oferece uma clara profissão de fé na Trindade como atesta a Didaqué (cap 7). Desde os tempos remotos o batismo é administrado em nome do *Pai do Filho e do Espírito Santo*.

¹⁵ GS, 4, 75 in FREIRE da S. Maria., *Trindade, teologia da criação e ecologia*, Tese/Gregoriana /Roma 2003.

¹⁶ CELAM. *Doc. Puebla*, 70.

O símbolo apostólico da fé, que em sua forma primitiva se identifica com o primeiro símbolo batismal romano, segue as linhas da fórmula trinitária do batismo.

As antigas doxologias expressam igualmente a fé na Trindade. A antigüidade cristã conhece duas fórmulas: a *coordenada*, Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo; e a *subordinada*, Glória ao Pai pelo Filho no Espírito Santo. Devido o mal uso dos arianista que a interpretaram de forma subordinacionista, São Basílio mudou da seguinte forma: Glória ao Pai com o Filho em união do Espírito Santo¹⁷.

A fé cristã confessa que a unidade do Deus trinitário é um acontecer de mediação perfeita do uno e o plural, enquanto o Deus uno existe somente na Trindade de pessoas, porém a Trindade de pessoas só existe na realização pericorética da essência divina una. De forma coerente, também a unidade da pessoa criada.

A unidade de Deus é na recíproca troca de amor que é comunicação do ser na distinção. Já Agostinho havia identificado amor com a Trindade, na sua famosa frase: *Vides Trinitatem si caritatem vides*. A unidade mais profunda que pode existir no Deus trino é, de consequência, a do amor. Portanto, unidade e distinção não são contraditórias. A única essência divina não é vista em oposição à pluralidade das pessoas nem prévia a essa, mas considerada como a mesma unidade e comunhão entre as pessoas divinas, o que não significa que essa unidade seja consequência de uma união de três. A unidade e Trindade são ambas primeiras e originais, nenhuma é anterior a outra. Ambas têm seu único fundamento no Pai, que é relação com o Filho e com o Espírito Santo. Metodologicamente poderá ser válido pegar uma ou outra como ponto de partida, mas sempre consciente de que não existe logicamente nem ontologicamente uma prioridade de uma ou da outra. O monoteísmo cristão é o monoteísmo do Deus trino revelado em Jesus.

O Concílio de Florência em decreto aos Jacobitas, ensina que Cristo dá testemunho de que o Pai está n'Ele e ele no Pai (Jo 10, 30). O Pai e eu

¹⁷ "A fórmula coordenada e a subordinada concordam no essencial, enquanto que as duas certificam que tanto o pai como o Filho são princípio; porém ambas se complementam. Na primeira se põe em relêvo a unicidade e a indivisibilidade do princípio, a segunda insiste com maior vigor em que o Pai é princípio fontal (cf. San Agustín, De Trin. XV 17, 29: "de quo procedit principaliter"). Em que o Filho enquanto "Deus de Deus" é princípio derivado, e que por isso com a substância divina recebe também do pai a virtude espirativa (cf. Dz 691)" em OTT. Ludwig; *Manual de teologia dogmática*, Barcelona 1986.

somos uma mesma coisa (10, 38) – a existência do Espírito Santo no Pai e no Filho é indicada em (1 Cor 2, 10s). A essa relação amorosa entre as pessoas trinitárias a teologia denominou de pericórese. Gregório Nazianzeno foi o primeiro que aplicou o nome pericórese à relação entre as naturezas de Cristo a denominada *pericórese* cristológica. São João Damasceno em (*De fide orth.* I 8; i 14; III 5) o emprega como termo técnico designando a compenetração das duas naturezas de Cristo como a compenetração entre si das três pessoas divinas.

A concepção grega de *pericórese* desempenha um papel muito amplo tomando como ponto de partida a pessoa do Pai, como princípio único, Origem e Fonte da divindade, ensina que a vida divina flui do Pai ao Filho e por meio do Filho ao Espírito Santo. Acentuando a compenetração mútua das três pessoas divinas, salva a unicidade da substância divina. A concepção latina parte da natureza divina e espiritual, Deus é antes de tudo um Espírito Absoluto que pensa e ama. Partindo da unidade da substância divina, explica como esta, pelas processões divinas iminentes, se constitui em Trindade de pessoas. Aparece, portanto, em primeiro lugar a idéia de consubstancialidade¹⁸. O Concílio de Latrão IV (1215) ensina que as três pessoas divinas constituem “um único princípio de todas as coisas” (Dz 704; cf. Dz 254, 281, 284).

CONCLUSÃO

Portanto, Deus como Pai em perspectiva trinitária nas suas relações pericoréticas com o Filho e o Espírito Santo é modelo para todos os que buscam construir o equilíbrio humano-cosmológico a partir da unidade na diversidade. A distinção Pai e Filho possibilita uma relação de comunhão de mútua entrega. Emerge assim o dom recíproco: o Espírito Santo. É importante perceber que a unidade divina vista na perspectiva trinitária, emerge como expressão da eterna comunhão e essencial interpenetração de vida e de amor entre os divinos três. Essa realidade divina se revela na história mediante a pessoa de Jesus Cristo. Sem dúvida, os cristãos a darem testemunho de solidariedade realizam a missão de Jesus. A unidade é constitutiva da missão: “Eu neles e Tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que me enviaste” (Jo 17, 23).

¹⁸ *Op cit.* p. 130-131.

A maior contribuição é provocar uma reflexão sobre a unidade entre os o ser humano e sua relação com o cosmos à luz do dinamismo trinitário de Deus, na tentativa de mostrar que o cristianismo é relevante, capaz de dialogar com o mundo globalizado, e que a fé tem algo a dizer diante da crise de valores da descentralidade da sociedade e dos problemas ecológicos. Portanto, a unidade entre a humanidade e a ecologia, segundo a medida do Deus trino (cf. Jo 17) é o oposto do nivelamento do âmbito pessoal, da negação da alteridade do outro como outro e do meio ambiente.

A contribuição emerge no construir uma racionalidade ambiental: do diálogo de saberes na construção de um futuro sustentável entrelaçando palavras, símbolos, razões práticas em sintonia com uma consciência ecológica¹⁹. Steven Rose nos diz que, como seres humanos possuímos a capacidade de criar e recriar os nossos mundos²⁰. Contudo, essa capacidade não inclui a mentalidade de exclusão do diferente. Para isso, carece compreender o amor trinitário derramado na história, como dom de um Deus que transborda amorosamente em sua criação e que todo o universo procede do seu impulso como pura gratuidade. Do equilíbrio humano depende o equilíbrio ecológico. Como nos afirma São Paulo:

“...a criação anseia pela revelação dos filhos de Deus.....a criação foi submetida avaidade - não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu - na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus. Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente” (Rm 8, 20-22).

Sem dúvida, o equilíbrio do ser humano e do cosmos tem sua fonte e origem no coração infinito da Trindade. Vivendo a *fascinans* e o *tremendum*, a humanidade encontra seu destino no restabelecimento de um comportamento ético vocacionado a um desenvolvimento sustentável, onde o ser humano aparece como imagem e semelhança de Deus e o universo resplandece em sua imperiosa criatividade. No equilíbrio do humano e do cosmos, Deus se manifesta na kénosis do seu esplendor e no esplendor de sua kénosis numa glorificação eterna.

¹⁹ LEFF., Enrique, *Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza*, Rio de Janeiro 2006.

²⁰ ROSE., Steven., *O cérebro do século XXI: Como entender, manipular e desenvolver a mente*, São Paulo 2006.

Profa. Dra. Ir. Maria Freire da Silva- icm.

Doutora em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Gregoriana Roma.

Profa. na Pontifícia Faculdade de Teologia N. Sra. da Assunção/SP.

BIBLIOGRAFIA

- Concilium Oecumenicum Vaticanum II*, Constitutio dogmática de Ecclesia, *Lumen Gentium*, 1, 4. in Freire da S. Maria Trindade, *Teologia da Criação e Ecologia*, Roma 2003.
- CELAM. *Doc. Puebla*, 70.
- FREEMAN. Laurence., *Jesus, o mestre interior*, São Paulo 2004.
- GS, 4, 75 in FREIRE da S. Maria., *Trindade, teologia da criação e ecologia*, Tese/Gregoriana /Roma 2003.
- HESCHEL. A. Joshua., *Deus em busca do homem*, São Paulo 2006.
- LEFF. Enrique, *Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza*, Rio de Janeiro em OTT. Ludwig; *Manual de teologia dogmática*, Barcelona 1986.
- MOLTMANN. Jürgen., *O Espírito da vida*, Petrópolis 1991.
- _____, *Doutrina ecológica da criação*, Petrópolis 1993.
- MORIN. E. *Métodos: a humanidade da humanidade a identidade humana*, Porto Alegre 2003.
- _____, *Para sair do século XX*, Rio de Janeiro 1986.
- _____, *A religião dos saberes: o desafio do século XXI* Rio de Janeiro 2004.
- VV.AA. *Diálogo inter-reiligioso*, São Paulo 2005.